



Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



Especialização em Comunicação e Saúde

CES

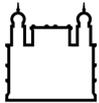
**A CONSTRUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO NO ÂMBITO DA
COMUNICAÇÃO E SAÚDE A PARTIR DA REALIDADE
DO TRABALHO RURAL**

Gislaine de Souza Lima

Monografia

Orientador: Adriana Kelly Santos

Rio de Janeiro, 2017



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

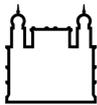


CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E SAÚDE

MONOGRAFIA

A CONSTRUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO NO ÂMBITO DA COMUNICAÇÃO E SAÚDE A PARTIR DA REALIDADE DO TRABALHO RURAL

Rio de Janeiro, 09 de Abril de 2017



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



Instituto de Comunicação e Informação
Científica e Tecnológica em Saúde

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E SAÚDE

A CONSTRUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO NO ÂMBITO DA COMUNICAÇÃO E SAÚDE A PARTIR DA REALIDADE DO TRABALHO RURAL

por

GISLAINE DE SOUZA LIMA

Monografia apresentada ao Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Comunicação e Saúde

Orientador(es): Adriana Kelly Santos, Doutora em Ciências na área de Saúde, Cultura e Enfermidade pela Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (Ensp/Fiocruz).

Rio de Janeiro, 09 de Abril de 2017

*“Como é que faz pra sair da ilha?
Pela ponte, pela ponte
A ponte não é de concreto, não é de ferro
Não é de cimento
A ponte é até onde vai o meu pensamento”*

Trecho da música *A ponte*, Lenine

AGRADECIMENTOS

À coordenadora da VideoSaúde Distribuidora, Eliane Pontes, pela liberação para que eu cursasse a especialização.

Aos coordenadores da distribuição e produção, Daniela Muzi e Paulo Lara, e aos demais colegas do trabalho que me incentivaram.

Aos coordenadores do curso, Janine Cardoso e Igor Sacramento, pela acolhida e disponibilidade com a turma.

À Adriana Kelly que aceitou o desafio de me orientar, mesmo sabendo das minhas dificuldades em escrever.

Ao meu companheiro de profissão e de vida, Marcos Renkert, por ser a escuta nas minhas horas de insegurança.

E, meu agradecimento especial, à turma de Especialização em Comunicação e Saúde de 2016, que tornou mais suave a tarefa de sair da minha zona de conforto e encarar novos desafios com muito companheirismo e alegria.

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo pesquisar a construção do documentário no âmbito da comunicação e saúde a partir da realidade do trabalho rural registrada no documentário *Linha de corte*. No desenvolvimento deste trabalho fala-se um breve histórico do gênero documentário e como ele se adequa as necessidades de uma comunicação mais ampla, envolvendo as várias vozes para falar do mesmo tema. Será observado como a imagem registrada comunica sobre saúde do trabalhador a partir das entrevistas e imagens usadas para ilustrar a narrativa. Para isso alguns elementos foram estabelecidos como categorias para a análise fílmica.

Palavras-chave: documentário, análise fílmica, comunicação e saúde, trabalho rural.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FIOCRUZ - Fundação Oswaldo Cruz

SUS - Sistema Único de Saúde

BRAVS - Banco de Recursos Audiovisuais em Saúde

ONG – Organização Não Governamental

EPI – Equipamento de Proteção Individual

Cerest - Centro de Referência em Saúde do Trabalhador

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Sequências e os eixos temáticos

Tabela 2 – Sequências e a descrição das imagens

Tabela 3 – Sequências e o som

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Título do documentário

Imagem 2 – Trabalhador mostra cicatrizes

Imagem 3 – Trabalhador mostra cicatrizes

Imagem 4 – Agentes da Vigilância Sanitária

Imagem 5 – Procurador do Ministério do Trabalho

Imagem 6 – Fachada do Ministério Público do Trabalho

Imagem 7 – Pesquisador e trabalhador do corte da cana

Sumário

1. INTRODUÇÃO	11
2. BREVE HISTÓRICO SOBRE DOCUMENTÁRIOS	17
3. REFERENCIAL TEÓRICO	20
4. METODOLOGIA.....	25
5. ANÁLISE DO LINHA DE CORTE.....	34
5.1 A representação da lesão.....	39
5.2 Caracterização dos especialistas.....	40
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45

1. INTRODUÇÃO

A partir da experiência de trabalho como editora de audiovisual atuando na produção e finalização de vídeos que abordam a saúde pública, desde o ano de 2005, na VideoSaúde, tenho a oportunidade de dialogar com diferentes atores engajados na produção de audiovisual que abordam diversas temáticas relacionadas ao processo saúde-doença em nosso país.

A VideoSaúde Distribuidora, coordenada pelo Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Icict), está comprometida com a guarda, produção e disseminação de materiais audiovisuais em saúde estimulando e facilitando o acesso por meio de TVs universitárias, do Canal Saúde, pela internet, videotecas, mostras itinerantes e distribuição em DVD. Há em seu acervo diversos gêneros audiovisuais cedidos por produtores de todo Brasil e as próprias produções. A Distribuidora, que integra o quadro institucional da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), tem como missão “contribuir para o fortalecimento do Sistema Único de Saúde (SUS) e a melhoria das condições de vida e saúde da população brasileira”¹.

Com sua atuação, a “VideoSaúde busca ampliar e fortalecer, no âmbito do SUS, práticas de comunicação que possibilitem os diálogos e o intercâmbio de conhecimentos entre as parcerias” (CARVALHO & SANTOS, 2011). Seus produtos audiovisuais sobre a saúde pública são orientados pela perspectiva da Saúde Coletiva, na qual a problemática da saúde é pesquisada considerando a relação entre os fatores biológicos e sociais causadores das doenças.

Para observar como esses elementos aparecem na prática audiovisual escolhi como objeto de análise, o documentário *Linha de Corte* (2013) que foi realizado pela VideoSaúde Distribuidora, através da parceria com universidades e institutos de pesquisas, a fim de promover debates e reflexões sobre a saúde dos trabalhadores rurais no corte da cana de açúcar.

A saúde do trabalhador tornou-se tema de relevância para a saúde pública quando os modelos de atuação da Medicina do Trabalho, baseada na exclusividade do saber médico (isolamento e medicalização), e da Saúde Ocupacional, com enfoque na proteção,

¹ [Sítio da Videosaúde](#)

prevenção e promoção da saúde do trabalhador (integridade física do indivíduo para o trabalho) não foram suficientes para compreender as novas questões pertinentes à relação-saúde-trabalho impostas pelas transformações econômicas, políticas e sociais que ocorreram no mundo do trabalho a partir da década 1970 até agora (KELLY-SANTOS, 2009).

Segundo Kelly-Santos, foram estas mudanças que deram início a intensa mobilização social na luta pela saúde no trabalho, pelo direito à informação, da recusa ao trabalho quando esse apresentar danos à saúde culminando na criação da área da Saúde do Trabalhador, na década 1980, enquanto campo para o qual confluem o conhecimento científico, informal, jurídico e político para traçar diretrizes de intervenção no processo de saúde-doença relacionado ao trabalho.

Segundo levantamento feito em 2014 pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE²) os índices do emprego rural melhoraram considerando que o número de carteiras de trabalho assinadas aumentaram, que diminuiu o número de trabalhadores com jornadas semanais com mais de 44 horas e o trabalho infantil. No entanto, o setor de biocombustível, que usa a cana-de-açúcar como matéria-prima para produção do etanol, preserva um modelo de produção que afeta a saúde do trabalhador que atua no corte da cana-de-açúcar (VILELA, 2015).

Apesar da riqueza econômica que este setor representa junto à economia nacional, é impossível dissociar a produção nacional de cana-de-açúcar da intensa exploração de trabalhadores. No tempo do Brasil colônia, escravos negros moviam as propriedades dos senhores de engenho. Na década de 1970, os chamados “boias-frias”³ enfrentaram condições precárias de trabalho com o Proálcool – programa do governo militar criado para incentivar a produção de etanol e reduzir nossa dependência do petróleo importado.

De acordo com a ONG Repórter Brasil, hoje, o setor sucroalcooleiro no interior do estado de São Paulo é responsável por 56% de toda a produção brasileira de cana-de-açúcar. A mecanização já está sendo implementada para substituir a força humana de trabalho (de cada dez toneladas de canas colhidas, sete são extraídas por máquinas) e, durante esse processo de mecanização parcial, foi observada uma melhora nas condições

² O relatório do DIEESE utiliza os dados do IBGE Pnad 2013

³ Termo usado para designar o trabalhador rural que trabalha por empreitada e se alimenta com comida fria no local do trabalho

de trabalho daqueles que ainda se dedicam à colheita manual, porém, isso não representou o fim da exploração nos canaviais – incluindo casos análogos ao trabalho escravo – no Brasil.

Ainda existem milhares de cortadores manuais de cana nas outras regiões do país. Em 2010, um estudo realizado por Erivelton Fontana de Laat, à época doutorando no Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Metodista de Piracicaba, Santa Bárbara d'Oeste, SP, apontou os determinantes organizacionais que afetam a saúde dos trabalhadores, tais como a sobrecarga térmica, a quantidade de movimentos necessários para realizar o corte da cana e o modo como é calculado o valor da produção. O relatório da pesquisa de Laat, concluiu que o corte manual da cana durou em média 8 horas diárias de trabalho, com ritmos intensos, alta frequência de movimentos repetitivos e exigências posturais inadequadas, associadas às condições insalubres.

Esta experiência da pesquisa gerou o documentário *Linha de Corte* produzido em parceria com VideoSaúde Distribuidora, pelo olhar do professor e documentarista Beto Novaes, que a partir de entrevistas com médicos, professores/pesquisadores, agentes da Vigilância Sanitária e cortadores de cana construiu uma narrativa fílmica buscando dar visibilidade a jornada extenuante de trabalho relacionada ao modo de pagamento a que os trabalhadores estão sujeitos.

Então, este trabalho de análise da narrativa fílmica surge de um desejo de compreender e sistematizar como essa construção do audiovisual, na área da saúde, ocorre articulando experiências, saberes de instituições para abordar temas pouco discutidos, porém, de muita relevância social.

A escolha pelo gênero documentário marca a intenção institucional de se falar sobre a realidade a partir dela mesma. Acredita-se que esse gênero seja capaz de promover uma comunicação mediadora de termos técnicos, metodologias de pesquisa, experiências, diagnósticos, processos de trabalho por meio de imagens, sons e entrevistas buscando problematizar e debater melhorias para a sociedade.

O documentário é apenas uma das formas de se produzir conteúdo audiovisual usando imagens da realidade como referência. Na abordagem utilizada pelo agronegócio na grande mídia o que se observa é a propaganda, sempre visando a perspectiva econômica, a exportação de produtos, em detrimento da segurança, a saúde e a eliminação

dos problemas causados ao trabalhador. Como a propaganda, recentemente, exibida pela empresa de telecomunicações Globo, cujo enunciado (falado, imagético e textual) - Agro é tudo. Agro é pop. Agro é 'Globo', demonstra a formatação do discurso para a valorização do agronegócio, principalmente, neste contexto de nosso país, marcado pela supremacia das grandes corporações e aparelhos jurídicos na proposição de Estado mínimo de direitos sociais.

Na contracorrente deste olhar empresarial e alicerçado na exploração do trabalho-trabalhador-sujeitos sociais, este trabalho surge de um desejo de problematizar minha prática como profissional da VideoSaúde/Fiocruz e com isso contribuir com a sua missão orientada para a construção, disseminação e discussão do material audiovisual em saúde.

Tal escolha se deve ao fato que ao acompanhar o processo de produção e transformação do conhecimento de pesquisas científicas em linguagem filmica, a partir de entrevistas com pesquisadores, médicos e trabalhadores do campo, compondo uma narrativa que relaciona o esforço no trabalho aos agravos a saúde.

Com isso, se fez premente (re)olhar o processo de invisibilização e objetificação do trabalhador rural mediado pelas imagens capturadas dessa realidade, a qual está fora dos horizontes nos grandes centros urbanos. Nessa reflexão interrelacionar minha própria história e aos debates estabelecidos durante o curso de especialização mobilizou do ponto de vista subjetivo, pensar de que lugar estava falando, ao olhar o objeto/problema escolhido.

Durante o processo de participação na edição do documentário *Linha de Corte* fui surpreendida pela rememoração de fatos referentes à minha própria infância, toda ela vivida em Gurinhém, cidade pertencente ao estado da Paraíba, Brasil, e de subsistência rural.

Neta de agricultor que acostumara-se ao cultivo do feijão, do milho, do algodão, cresci junto às adversidades advindas da perda de safras, da presença das pragas que assolaram diversas plantações, da destruição de toda ou parte das produções por causa da ausência ou excesso de condições climáticas que propiciassem os diversos cultivos, enquanto meu avô partia para o sul do país, em busca de alguns trabalhos sazonais (especificamente na construção civil), a fim de buscar o sustento da família sempre que havia dificuldades na lavoura.

Percebi que a partir da (re)construção de narrativas filmicas o entendimento de como os próprios trabalhadores contam sua história dentro de um contexto de pesquisa científica possibilita elencar as diversas mediações nessa dinâmica terra-trabalhador-saúde. Aliado a isso, constatei como o audiovisual pode contribuir na contextualização das contradições relacionadas ao trabalho e saúde, que na maior parte dos casos são silenciados pelos grupos corporativos hegemônicos e mediar junto aos trabalhadores o debate da saúde como direito fundamental, cuja dimensão é absolutamente negligenciada no âmbito empresarial.

Há inúmeros filmes e documentários que abordam questões relativas ao trabalho. Noemia Porto, em 2012, cita como exemplo, *Tempos Modernos*, de Charles Chaplin, e *Germinal*, de Claude Berri, adaptado da obra de Émile Zola no artigo em que apresenta uma análise crítica de questões relacionadas ao meio ambiente do trabalho e ao sofrimento dos trabalhadores a partir da narrativa do documentário *Carne e osso*, dirigido por Caio Cavechini e Carlos Juliano Barros, produzido em 2011, que retrata as exigências e as condições de trabalho em frigoríficos.

A análise do documentário *Carne e osso* reafirma o uso da imagem mediando a apresentação de uma realidade em que o trabalhador é explorado em busca de altos rendimentos para a indústria. Dessa forma, pretende-se aprofundar o conhecimento sobre a construção do audiovisual em saúde como estratégia de comunicação analisando os elementos que integram a narrativa fílmica de documentário que abordam o processo saúde-doença relacionado ao trabalho rural.

Deste modo, esta monografia apresenta um breve histórico sobre o surgimento do documentário para contextualizar a relação desse gênero com a sociedade ao longo da história e as possíveis classificações estabelecidas por Bill Nichols, em *Introdução ao Documentário* (2016). A partir dessas características do gênero, a análise dividiu-se em dois passos, o primeiro foi a desconstrução do filme *Linha de corte*, segundo Vanoye e Golliot-Lété (2012), escolhendo cinco elementos internos como categoria de observação, separados em tabelas. O segundo passo da análise foi olhar para os elementos escolhidos e (entrevistados, sequência, imagem, som ambiente, música) e averiguar a comunicação dialógica proposta no filme a partir desses elementos.

Inserido na temática comunicação e saúde do trabalhador rural, este trabalho pretende responder a questão: quais os elementos que integram a narrativa fílmica de

documentário que abordam o processo saúde-doença relacionado ao trabalho rural? Buscamos nesta pesquisa, analisar como o documentário no âmbito da comunicação e saúde retrata a realidade do trabalho rural. Mais especificamente pretende-se demonstrar que, com o detalhamento e contextualização dos fatos evidenciados usando linguagem desse gênero audiovisual, é possível desenvolver uma narrativa sobre saúde-doença a partir dos processos de trabalhos. Neste trajeto exploraremos como este gênero ressalta a imagem na representação da realidade, a partir do ponto de vista determinado, nesse caso da doença como resultante da atividade laboral e as implicações na vida do trabalhador.

2. BREVE HISTÓRICO SOBRE DOCUMENTÁRIOS

Desde seu surgimento os filmes chamados documentários apresentaram enorme variação. A ideia do registro documental da realidade surgiu juntamente com o cinema (BRIGGS, 2006:169). Os irmãos Lumière foram os primeiros a realizar esse tipo de filme (1895), já em suas primeiras apresentações públicas exibiam cenas do cotidiano como trabalhadores saindo das fábricas, um trem chegando em Paris, os cineastas buscavam retratar aquela época como eles a percebiam. Nessa época os filmes “nascidos da vida”⁴ não eram conhecidos como documentário.

Depois disso, surgiram os denominados “filmes de viagem”, em que exploradores registravam sua passagem por lugares exóticos e desconhecidos. Porém, a falta de uma linguagem específica dificultava o entendimento para os que não estavam envolvidos no contexto da realização.

O interesse do espectador por assuntos relacionados as atualidades do período começou a mudar em torno de 1903, quando os filmes encenados de Méliéis começaram a ser exibidos, que duravam de cinco a quinze minutos (CASTRO, 2009). Esses filmes eram encenados, foram pioneiros do filme de ficção e do uso de efeitos ‘especiais’. Apesar de toda inovação, seu texto e linguagem eram baseadas no teatro e na literatura, não possuía linguagem própria.

Tentando construir uma linguagem específica para o cinema, à parte da literatura e do teatro, em 1920, Dziga Vertov, cria a teoria do “cine-olho”, onde a câmera funcionaria como uma extensão do olho humano. Isso muda a relação entre a câmera e o objeto que está sendo filmado tanto para os filmes de ficção como para os filmes documentários.

No início dos anos 30, o termo documentário começou a ser utilizado pelo cineasta Jonh Grierson que encabeçou o patrocínio governamental da produção de documentários na Grã-Bretanha após analisar a obra *Nanook, o esquimó*, de Robert Flaherty.

A chegada dos anos 60 trouxe a ruptura da ideologia documental-cinematográfica defendida por Grierson. O cinema-verdade e o cinema-direto, surgidos na França e Estados

⁴ Expressão usada pelo escritor russo Máximo Gorki (1868-1938) para falar sobre os filmes dos irmãos Lumière

Unidos respectivamente, não admitiam montagem, encenações, quebra de sequências ou qualquer tipo de interferência por parte da equipe. A sua principal característica é a invisibilidade da equipe de produção e pela ausência de narração (CASTRO, 2009).

Os criadores do cinema-direto foram Robert Drew e Richard Leacock com o filme *Primary* (1960). A realidade é apreendida pelo cineasta e transmitida ao espectador de forma direta, sem mediações.

O cinema-verdade foi criado pelo cineasta Jean Rouch, diretor de *Crônica de um Verão* (1960). Ao contrário do cinema-direto, o cinema-verdade permite o envolvimento do cineasta na ação, realizando entrevistas nas quais não se registra só o entrevistado, mas também o cineasta e o equipamento de filmagem.

O documentário pode ser dividido entre os modelos clássico e moderno. O clássico era utilizado no início do século 20, com a escola britânica de John Grierson, baseada em ilustrações e narrações construídas com finalidades, na maioria das vezes, institucionais.

O moderno, por sua vez, é utilizado por documentaristas que buscam interação com o público alvo, de modo a lhes despertar o senso crítico e permitir interpretações variadas, de acordo com a realidade de cada espectador. No Brasil, ele começou a ser mais explorado na década de 60.

Dentro do clássico e do moderno, Nichols (2016) afirma que é possível reconhecer e categorizar o gênero por algumas modalidades de representações. Entre elas estão os modos: expositivo, observacional, poético, interativo e reflexivo. O modo expositivo, utilizado por Grierson, é definido como um modelo de documentário clássico, baseado no controle de conteúdos, limites e fronteiras por parte do realizador. Os documentários do *Discovery e History Channel* carregam a principal característica dessa tradição que é o uso excessivo da voz em *off* com o objetivo de ser uma narração da "verdade" sobre o tema apresentado.

Convenções textuais também ajudam a reconhecer um filme enquanto documentário: a técnica do comentário em voz *over* ou *off*, as entrevistas, as locações, a presença de atores sociais ou pessoas em suas atividades cotidianas são características comuns a vários documentários, apesar de não serem condição *sine qua non* para que um filme seja classificado dentro do gênero. A última parte nessa interação que faz com que um filme seja reconhecido como um documentário é o público. “A noção de que um filme

é um documentário é construída pela mente do observador tanto quanto é construída por seu contexto e estrutura” (MEDEIROS; GOMES, 2014:166).

Apropriando-se do conceito de que todo enunciado é resultado de uma memória discursiva (BAKHTIN apud FIORIN, 2011), entendemos que os documentários contemporâneos estão carregados com a tradição do documentário clássico por abordar temas ou problemas sociais reais e pela estética das imagens escolhidas, por vezes apresentando um caráter didático na forma como são utilizadas.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

O conceito de gênero como agrupamento de textos que possuem características e propriedades comuns começou na Grécia antiga quando as Poéticas do Classicismo designavam como deveria ser composta uma tragédia ou uma epopeia. Assim, à medida que os textos apresentam propriedades formais, fixas e imutáveis adquiriam um caráter normativo (FIORIN, 2011:48).

Mikhail Bakhtin, teórico russo, em meados do século XX, estudou o gênero considerando o processo de sua produção e o vínculo existente entre a utilização da linguagem e as atividades humanas. Os enunciados surgem nas diversas esferas de uso da língua nas atividades humanas, e cada uma dessas esferas gera formas relativamente estáveis de enunciados, que são os gêneros do discurso (FIORIN, 2016:69).

No seu estudo da fala e da escrita, Bakhtin, dividiu os gêneros em primários e secundários. Os primários estão vinculados as ações cotidianas como as conversas e correspondências pessoais enquanto os gêneros secundários estão relacionados a interações comunicacionais mais complexas constituindo a comunicação no âmbito cultural através dos romances, poemas, peças teatrais dentre outras formas.

Os gêneros literários *são* gêneros secundários, complexos, que são compostos de diversos *gêneros* primários transformados (réplicas de diálogo, narrativas de costumes, cartas, diários íntimos, documentos, etc.). Esses gêneros secundários, que pertencem à comunicação cultural complexa, *simulam* em princípio as várias formas da comunicação verbal primária (BAKHTIN, 1997: 325).

Este conceito foi estruturado a partir da fala e da escrita, no entanto, podemos nos apropriar dessa leitura para afirmar que o gênero documentário se enquadra na categoria de gênero secundário (FIORIN, 2016:48), pois, ele reúne e transporta diálogos ou casos do cotidiano para um produto audiovisual de natureza mais complexa do que a interação social apenas (MEDEIROS; GOMES, 2014:166). Os gêneros estão sempre conectados a um esfera da atividade humana, refletindo suas condições específicas e suas finalidades.

Mas a obra do gênero secundário, quaisquer que sejam sua complexidade e a multiplicidade de seus componentes, não deixa de ser em *seu* todo (e como todo) um único e mesmo enunciado *real* que tem um autor real e destinatários que o autor percebe e imagina realmente. (BAKTHIN,1997: 325)

Dessa forma pode-se inferir as possíveis interações desejadas pelo diretor ao escolher o seu objeto ou tema a ser documentado. A escolha do tipo de imagem para caracterizar pessoa ou local, enquadramento do entrevistado e outros elementos farão com que o documentário dialogue não só com mundo real representado, mas com outras obras já produzidas.

Segundo o Dicionário Teórico e Crítico de Cinema (2003), cenas ou formas prescritas por um gênero são parecidas de um filme a outro e acabam constituindo um repertório que cada filme novo do gênero convoca mais ou menos conscientemente.

Apesar da divisão dos modos proposta por Nichols, em poético, expositivo, observativo, participativo, reflexivo e performático, a identificação de um filme com um certo modo não precisa ser total, ou seja, um documentário predominantemente participativo pode conter sequências ou grandes planos com características do modo observativo ou poético. A mistura dos vários modos pode colaborar para evolução e apropriação do gênero pela sociedade.

O documentário tornou-se o ponta de lança de um cinema de envolvimento social e visão pessoal. O impulso documental propagou-se para internet e para sites como YouTube e Facebook, onde proliferam imitações de documentários, quase documentários, semidocumentários, falsos-documentários e documentários genuínos, que adotam formas novas e abordam temas novos (Nichols, 2016:26).

A narrativa cinematográfica, ficção ou não-ficção, é articulação de vários elementos formando a linguagem cinematográfica por meio da concepção da montagem (som, imagem, texto, cenário) de modo a traduzir a ideia que o diretor e o roteirista querem contar (AUMONT, 2003).

A escolha do gênero documentário para realizar a análise é baseada no poder de representação da realidade que o gênero carrega para dar visibilidade a temas históricos, culturais e sociais, segundo Nichols:

O documentário fala de situações e acontecimentos que envolvem pessoas reais (atores sociais) que se apresentam para nós como elas mesmas em histórias que transmitem uma proposta, ou ponto de vista, plausível sobre as vidas, as situações e acontecimentos representados (2016:37).”

A partir dos atores sociais presentes no *Linha de corte* pode-se identificar algumas transformações econômicas, políticas e sociais que levaram ao surgimento da Saúde do Trabalhador como campo interdisciplinar que busca entender as novas questões dadas a partir da relação saúde e trabalho. De modo que a escolha desses atores sociais é consequência de fatos históricos que levaram a observação e reconhecimento na área. Esta construção se deu, na década de 90, quando foram criados os Programas de Saúde do Trabalhador, com a Lei orgânica da saúde 8.080/90, com o objetivo de garantir a atenção a saúde por meio de ações preventivas, assistenciais e de promoção de saúde (SANTOS, 2009).

O 3o. Parágrafo do artigo 6o. da Lei Orgânica da Saúde prevê que sejam executadas ações através da Vigilância Epidemiológica e Vigilância Sanitária para a promoção e proteção da saúde dos trabalhadores, assim como visa à recuperação e reabilitação daqueles que foram submetidos aos riscos e agravos advindos das condições de trabalho. É este pano de fundo histórico visto no documentário *Linha de corte*.

Os fundamentos teóricos que influenciam e conformam o campo da Saúde do Trabalhador têm como referência central o processo de trabalho, seguindo os pressupostos da Medicina Social Latino Americana, tendo interface com a Saúde Pública e a Saúde Coletiva (LACAZ, 1997 apud CARNEIRO, 2014:18).

A Saúde Coletiva pode ser caracterizada como um núcleo de saberes e práticas que integra diversos campos do conhecimento científico, entre eles os das ciências sociais e políticas, fundamentado na análise histórica dos determinantes sociais, biológicos e subjetivos para a intervenção no processo saúde-doença (KELLY-SANTOS, 2009).

Nesse contexto, a epidemiologia possui um papel fundamental no estudo da origem das doenças em comunidade, a partir de análises situacionais dos fatores ambientais,

sociais e demográficos que interferem na saúde do indivíduo. Esses dados podem atuar junto ao planejamento em saúde para propor medidas de prevenção, controle e eliminação de doenças em caso de intervenção. As políticas públicas são meios efetivos de intervenção quando são colocadas em prática, no entanto, seu êxito passa pela comunicação e o poder simbólico (BOURDIEU apud ARAÚJO; CARDOSO, 2007) que ela carrega, as autoras explicam que:

quando alguém ou instituição consegue, por determinadas variáveis, consegue que seu ponto de vista sobre um aspecto da realidade seja mais aceito como verdade do que outros, terá ampliadas suas chances de influenciar as políticas públicas. (p.23)

Desse modo, as instituições envolvidas, a escolha do formato documentário, as estratégias de distribuição e divulgação estão relacionados com esse espaço de disputa por visibilidade. A fala dos pesquisadores/professores atuam como variáveis que buscam a aceitação do que está sendo dito como verdade.

Segundo Araújo (2009:43), o lugar de fala de cada pessoa ou grupo, que é dado histórica e institucionalmente, circunscreve o âmbito de suas atenções, propostas e modos de agir sobre o mundo. E é com base nessa afirmação que o modelo de comunicação dialógica proposto na construção do documentário sobre saúde do trabalhador deve ser executado dando visibilidade e reconhecendo o saber de cada um sobre o tema.

Dessa forma o audiovisual em saúde deve considerar que o público gerador de informações, é, também, potencialmente receptor, apontando para modelos de comunicação que reconhece esse público enquanto parceiro, através de interlocução, como parte do processo comunicativo, exigindo a compreensão do seu contexto: experiência de vida, condições socioeconômicas, ambientais e educacionais, locais de moradia e trabalho, faixa etária, manifestação cultural, luta política, vida religiosa, vida comunitária, a convivência com os agravos, relação com o sistema público de saúde e seu lugar de fala. (CARVALHO; SANTOS, 2011; ARAÚJO, 2009)

Este lugar de fala está mediado por imagens dos trabalhadores, dos ambientes e do processo do trabalho para produção de sentidos sobre a saúde dos trabalhadores rurais. Alguns dos sentidos estão postos na imagem assim como ela é captada pela câmera, outros podem ser agregados no processo de montagem, no encadeamento de imagens, podendo atribuir efeitos sintáticos de pontuação marcando uma ligação ou ruptura; efeitos figurais

estabelecendo uma relação de metáfora; efeitos rítmicos acelerados ou vagarosos para imprimir rapidez ou não, entre outros (AUMONT, 2003:196).

Ressaltando determinados enfoques parciais da realidade, a narrativa integral do documentário propõe que a voz fílmica tem um estilo ou uma natureza própria, que funciona como uma assinatura ou impressão digital. Ela atesta a individualidade do diretor, ou, às vezes, o poder de decisão de um patrocinador ou organização diretora” (NICHOLS, 2005:135).

Isso reforça o lugar de fala de um documentário resultante de uma parceria entre instituições públicas, que têm o compromisso com os princípios do Sistema Único de Saúde na produção e disseminação de conhecimento.

Um desses compromissos pressupõe uma comunicação que não se dissocia da noção de direito, é dirigida a ‘cidadãos’, objetiva o aperfeiçoamento de um sistema público de saúde em todas as suas dimensões e a participação efetiva das pessoas na construção das possibilidades” (ARAÚJO; CARDOSO, 2007:61)

Nesse contexto, o documentário *Linha de corte* apresenta por meio de entrevistas, imagens, som e músicas não só as condições e organização do trabalho, bem como, os efeitos causados pela natureza dura dessa atividade, agravados pelo modo de pagamento por produção estabelecido (VILELA, 2014).

4. METODOLOGIA

Foi realizada consulta ao Banco de Recursos Audiovisuais em Saúde (Bravs), em outubro a novembro de 2016, foram localizados diversos gêneros audiovisuais sobre saúde do trabalhador, desde videoaulas - *Carga pesada* (2001), que trata da contaminação por chumbo em fábricas; cursos sobre a singularidade do trabalho na saúde, *Trabalho em saúde* (2012); *Tijolo por tijolo* (2010), sobre movimento sindical dos trabalhadores da saúde reivindicando melhores condições de trabalho. O documentário *Envenenando a vida* (2000), que aborda o envenenamento crônico de trabalhadores rurais do interior do Rio de Janeiro, pelo uso indiscriminado de agrotóxicos. Ainda sobre este tema há o *Nuvens de veneno* (2013) que amplia a discussão sobre a contaminação por agrotóxico do trabalhador rural e do ambiente a partir da realidade do agronegócio no Estado do Mato Grosso; *Linha de corte* (2013) mostra o impacto do sistema de pagamento por produção na saúde do trabalhador rural, desnudando a precariedade do trabalho no interior dos canaviais das modernas usinas paulistas, cenário de pouca visibilidade social; *Paracoco - endemia brasileira* (2013) sobre pessoas que contraíram a doença, principalmente no trabalho rural, e profissionais de saúde falam sobre os sintomas, formas de contágio e pesquisas, destacando a importância do diagnóstico no tratamento dos pacientes.

Aliado a isso, no período de 15 a 30 de novembro de 2016 realizei uma busca, na Base Scielo, para o levantamento da produção científica sobre comunicação e saúde do trabalhador rural, em especial sobre estudos que analisam o audiovisual em saúde. Usei como estratégia de busca a combinação dos seguintes descritores: “saúde do trabalhador *and* comunicação e saúde”. De vinte artigos apenas um abordava a saúde do trabalhador do ponto de vista da comunicação, a partir de materiais educativos impressos (KELLY-SANTOS e ROZEMBERG, 2005). Os outros artigos analisaram a saúde do trabalhador do ponto de vista dos riscos presentes no ambiente laboral (GOMIDE, 2005). Para os descritores “análise filmica *and* trabalho rural”, “trabalho rural *and* comunicação”, “audiovisual *and* comunicação e saúde”, “documentário *and* comunicação e saúde” nenhum artigo foi recuperado pela base de dados seguindo essas combinações.

Dos materiais encontrados no Bravs, o documentário *Linha de Corte* (2013), foi escolhido por abordar o tema saúde do trabalhador no setor canavieiro, mais especificamente, os cortadores de cana.

A Análise do documentário *Linha de Corte* seguiu a metodologia proposta por Vanoye e Goliot-Lété (2012) que recomenda a decomposição da obra em seus elementos constitutivos: conteúdo, imagem, plano, enquadramento, sequência, ângulo da câmera, movimento de câmera, entre outros. Com base nesta proposta metodológica de desconstrução do filme foram escolhidos cinco elementos internos como categoria para análise, foram eles: entrevistados, sequência, imagem, som ambiente, música.

A decomposição recorre pois a conceitos relativos à imagem (fazer uma descrição plástica dos planos no que diz respeito ao enquadramento, composição, ângulo,...) ao som (por exemplo, off e in) e à estrutura do filme (planos, cenas, sequências). O objetivo da Análise é, então, o de explicar/esclarecer o funcionamento de um determinado filme e propor-lhe uma interpretação (PENAFRIA, 2009:2).

Depois de separar por categorias, buscou-se uma relação de sentido entre os elementos e como eles representam a realidade rural no ambiente do corte de cana-de-açúcar. Dessa forma a decomposição orientou a observação sistemática como eles estão articulados e quais sentidos sobre saúde do trabalhador rural aparecem nessa interação construída no filme.

No documentário, os pontos de vista do diretor, pesquisadores e trabalhadores utilizados significam muito sobre a intenção do produto e, sobretudo, do realizador. Nichols (2016:87) explica que a voz do documentário deriva da tentativa do diretor de traduzir seu ponto de vista sobre o mundo histórico real em termos audiovisuais; ela também se origina do envolvimento direto do diretor com o tema.

Nos apropriamos da definição de sequência explicitada por Aumont (2003:268) que diz ser uma sucessão de acontecimentos regidos por uma lógica. No caso do documentário analisado, a lógica que rege os acontecimentos é a da realidade do trabalho. Olhando para o *Linha de corte* e tomando o encadeamento das entrevistas por temas, o elemento sequência, proposta para a análise, dividiu-se em 9 eixos temáticos, como observa-se nas tabelas construídas para sistematizar a leitura dos elementos.

Tabela 1 – Sequências e os eixos temáticos

Duração	Sequência	Eixo temático	Entrevistados
1m38s	1	Apresenta o tema do documentário	Sindicalista
1m16s	2	Ambienta com imagens, música e apresenta o título	Sem Entrevista
3m29s	3	Argumentação sobre atividades de alto rendimento	Maratonista e ex-Cortadora, Professor, Sindicalista, Trabalhador lesionado
3m38s	4	Atores sociais que atuam para a melhoria das condições de trabalho	Agente da Vigilância Sanitária, Procurador do Ministério do Trabalho , Coordenador do Fórum e Cidadania, Professor UFSCar, Professora UFSCar,
2m17s	5	Como os pesquisadores mensuraram a relação do esforço no trabalho com os problemas de saúde	Professor da Uni Centro e Professor da USP
1m35s	6	Trabalho Repetitivo: Sequelas físicas e sofrimento Psíquico	Procurador, Sindicalista, Trabalhadora lesionada
3m28s	7	Fatores que agravam a saúde do trabalhador queimada/ fuligem	Técnico do Cerest, Procurador do Ministério do Trabalho, Professor

			Da USP, Professor da UFSCar, Médico do Incor, Professora da UFSCar, Sindicalista,
4m39s	8	Dispositivos de adaptação do homem para o trabalho: Ginástica laboral Alimentação e Hidratação Equipamento de proteção individual	Professor da UFSCar
4m30s	9	Pagamento por modo de produção	Sindicalista, Doutoranda da Unicamp, Médico do Incor

Em seguida foram listadas as imagens, entrevistas, sons predominantes que estruturam as sequências.

Tabela 2 – Sequências e a descrição das imagens

Sequência	Imagens
1	cartela logos institucionais, primeiro plano da sindicalista entrevistada, plano médio do trabalhador com facão, plano sequência dentro do canavial
2	plano sequência de estrada à noite, plano aberto da usina à noite, plano conjunto da estrada ao amanhecer mais motociclista e ônibus, plano geral sol nascendo, plano geral do canavial e trabalhadores se movimentando, plano médio e plano fechado de trabalhadores preparando as ferramentas, plano conjunto trabalhadores preparando as ferramentas e sol, plano detalhe do trabalhador colocando a luva e pegando a

	foice, plano conjunto dos trabalhadores andando, plano aberto de trabalhador colocando uma bolsa nas costas pegando a foice e saindo de quadro.
3	plano fechado de pés correndo no canavial, plano detalhe dos braços durante a corrida, plano médio frontal em sequência da corredora enquanto o ônibus a ultrapassa na estrada, primeiro plano da entrevistada, plano geral da corredora correndo no canavial, plano médio do professor da UniCentro entrevistado, trecho de vídeo da chegada da corrida São Silvestre, plano fechado dos pés correndo, plano médio da corredora com o treinador correndo no canavial, plano aberto da corredora mais treinador correndo, plano médio sindicalista, plano conjunto de trabalhador uniformizado cortando cana, plano médio trabalhador rural entrevista, plano detalhes na lesão da mão, do pescoço e da coluna.
4	Plano conjunto de caminhão de carga com cana de açúcar, plano geral da estrada de barro mais carro em movimento, plano conjunto do carro estacionando, plano aberto de pessoas uniformizadas saindo do carro, plano próximo da agente da Vigilância Sanitária entrevistada, plano médio dos agentes checando o depósito de água, plano geral dos agentes caminhando no canavial, plano aberto do cortador de cana cortando e jogando a cana, plano conjunto dos agentes checando as instalações do banheiro, plano médio dos agentes checando uma luva, plano médio de agente apontando para um cartaz que fala de EPI, plano conjunto de agentes fiscalizando o ônibus que transporta os trabalhadores, plano fechado dos agentes checando a mala do ônibus, plano aberto dos cortadores almoçando nas mesas embaixo de uma sombra do lado do ônibus, plano conjunto de agentes mais cortadores conversando, primeiro plano do procurador do trabalho

	entrevistado, fachada do prédio do Ministério Público do Trabalho, primeiro plano do coordenador do Fórum da Cidadania, plano sequência trabalhador caminha dentro de um alojamento, plano conjunto do refeitório limpo e organizado, plano aberto dos trabalhadores comendo no refeitório, plano geral da usina
5	plano aberto de trabalhador cortando cana, plano conjunto pesquisador colocando aparelho em cortador, plano detalhe da instalação do aparelho, plano aberto de cortador sendo observado enquanto corta a cana, plano conjunto dos observadores e o cortador trabalhando, plano detalhe do cortador derrubando a cana, primeiro plano professor da USP entrevistado, plano médio do professor da UniCentro entrevistado, plano aberto de cortador debruçado sobre a cana cortando as ponteiros da cana, planos detalhe do cortador sendo observado enquanto corta cana,
6	Primeiro plano do Procurador do Ministério do Trabalho entrevistado, plano próximo da sindicalista entrevistada, plano conjunto autoestrada com motos e mulher caminhando no acostamento, plano médio trabalhadora lesionada, plano detalhe das mãos.
7	Plano aberto do aparelho que mede a temperatura do ambiente, plano médio do pesquisador do Cerest de Piracicaba entrevistado, primeiro plano Procurador do Ministério do Trabalho entrevistado, plano detalhe do aparelho que mede a temperatura do ambiente, primeiro plano professor da USP entrevistado, plano médio professor da UFSCar, plano conjunto dos agentes VS, plano aberto de cortadores uniformizados caminhando no canavial, plano geral dos trabalhadores andando no canavial, plano conjunto de agentes da VS fiscalizando o almoço, plano médio médico do Incor

	entrevistado, professora UFSCar, plano aberto de fogo no canavial à noite, plano aberto de um trabalhador ateando fogo à cana, plano conjunto do caminhão pipa jogando água, primeiro plano da sindicalista entrevistada.
8	plano geral de ônibus em movimento, plano detalhe de rostos de trabalhadores uniformizados, plano detalhe do EPI, plano conjunto dos trabalhadores alongando uniformizados e com EPI ,primeiro plano professor da UFSCar entrevistado, plano médio frontal trabalhador cantando, plano conjunto trabalhador cortando cana, plano aberto trabalhador bebendo água, plano geral do trabalhador no meio do canavial almoçando, primeiro plano sindicalista entrevistada, plano próximo do trabalhador com quentinha, plano detalhe da quentinha, primeiro plano doutoranda Unicamp entrevistada, plano detalhe do saquinho de soro, plano conjunto do trabalhador preparando o soro, plano detalhe de garrafão pegando água na torneira, plano aberto de trabalhador bebendo água, primeiro plano do médico Incor entrevistado, plano sequência da conversa entre a sindicalista e trabalhadores sobre EPI, plano detalhe das botas do uniforme, plano médio sindicalista 2 entrevistado, plano geral de trabalhadores cortando cana em área depois da queimada
9	plano detalhe facão sendo amolado, plano médio trabalhador cortando cana plano fechado cortador marcando a cana cortada, plano geral do gerente conferindo a quantidade de cana cortada, plano conjunto do gerente mais instrumento de cálculo, plano detalhe gerente anotando no caderno, plano médio sindicalista 2 entrevistado, plano médio trabalhador lesionado entrevistado, plano médio trabalhador cortando cana, plano médio professor UFSCar entrevistado, plano

	médio professor USP entrevistado, plano conjunto do gerente que mede a cana cortada, plano aberto trabalhador cortando cana, primeiro plano Procurador MT entrevistado, primeiro plano sindicalista entrevistada, plano conjunto trabalhadores caminhando contra a luz do fim do dia e uma fábrica ao fundo.
--	--

Tabela 3 – Sequências e o som

Sequência	Som	Música
1	Som direto da entrevista mais som ambiente das imagens.	Sem música
2	som ambiente	música instrumental - Viola
3	som direto mais som ambiente	sem música
4	som direto, som ambiente quando são	música instrumental no início da sequência. Depois no clipe com as imagens da atuação dos agentes da Vigilância Sanitária.
5	som ambiente mais som direto	música iniciando a sequência
6	som direto	sem música
7	som ambiente mais som direto	música inicia a sequência
8	som direto	música sertaneja

		cantada por um trabalhador
9	som direto mais som ambiente	sem música

Após a divisão dos eixos temáticos procedeu-se a análise identificando os elementos que integram a narrativa fílmica de documentário sobre saúde do trabalhador rural.

5. ANÁLISE DO LINHA DE CORTE

Os protagonistas do documentário são trabalhadores que adoeceram na atividade laboral e ficaram com sequelas nos membros ou na coluna, além dos pesquisadores da área da saúde ocupacional da Universidade de São Paulo e da UniCentro-PR, dois professores da Universidade Federal de São Carlos, dois sindicalistas, uma agente da Vigilância Sanitária, um médico do INCOR, um Procurador do Ministério do Trabalho.

A gravação das entrevistas ocorreu durante o processo de pesquisa para o relatório “Pressão por produção e produção de riscos: a “maratona” perigosa do corte manual da cana-de-açúcar” realizado pela Faculdade de Saúde Pública da USP em parceria com o Centro de Referência em Saúde do Trabalhador - Cerest de Piracicaba.

A intervenção da diretor no documentário ocorreu acompanhando a tendência participativa. Percebe-se que há uma direção durante a entrevista a cena não ocorre naturalmente, os entrevistados estão de frente para câmera. A intervenção na hora da edição foi maior porque a lógica da narrativa demandou supressão de tempos.

A sequência um - prólogo associando a assinatura institucional com a apresentação do tema, saúde do trabalhador, a partir da história de um cortador de cana narrada por uma sindicalista, que acompanhou a trajetória desse trabalhador até seu falecimento. Não há música nesta sequência apenas os sons do ambiente de canavial sob a voz dela. Do ponto de vista da imagem não há elementos que remetam a saúde ou doença apenas na fala da sindicalista acompanha-se no relato que após três de trabalho intenso o trabalhador apresentou “voz fraca”, “dores no corpo inteiro”, “emagrecimento”, “falecimento” e a sindicalista faz uma relação entre o estado de saúde e a quantidade de cana cortada pelo trabalhador, registrada no holerite de pagamento.

Sequência dois – a música instrumental de viola conduz esta sequência de imagens que apresentam os ambientes dessa realidade. Os planos começam na noite escura e avançam até o amanhecer com neblina e trabalhadores preparando para iniciar a atividade do corte. O título do filme está sobre a imagem do trabalhador em movimento, há uma linha que corta o próprio título enquanto o trabalhador se afasta.



Imagem 1 – título do documentário

O preâmbulo dado pela entrevista da sindicalista colabora para inferirmos possíveis sentidos ao título e a forma como ele é apresentado. O título da obra *Linha de corte* a palavra “linha” pode fazer referência a linha de montagem industrial situando sobre a natureza do trabalho repetitivo. A palavra “corte” remete ao processo realizado pelas usinas para selecionar os melhores trabalhadores. Segundo Novaes (apud VILELA, 2015:31), critérios rígidos de seleção de pessoal são aplicados no setor canavieiro, exigindo-se a meta mínima de corte de 10 toneladas por dia de cada trabalhador, quem não alcançar a meta é *cortado* do trabalho e devolvido às regiões de origem.

A palavra corte pode comunicar a exclusão da mão-de-obra, caso não atenda a meta mínima, como também podemos relacionar aos cortes físicos que os trabalhadores sofrem ou pelo manuseio errado do podão⁵ ou por cirurgias realizadas por causa das doenças ocupacionais advindas do trabalho pesado e repetitivo.

A ocorrência de outros casos falecimento está registrado no artigo *Pressão por produção e produção de riscos: a “maratona” perigosa do corte manual da cana-de-açúcar*’:

Nos últimos anos, a ocorrência de 21 mortes de cortadores manuais de cana foi relatada nas safras de 2004 a de 2007, no interior de São Paulo. As mortes atingiram trabalhadores jovens, com idade entre 24 e 50 anos, migrantes de outras regiões do país. As causas das mortes que constam dos atestados de óbitos são vagas, não permitindo uma análise conclusiva a respeito. Nesses atestados afirma-se que as mortes são decorrentes de parada cardíaca, insuficiência respiratória, acidente vascular cerebral (AVC) ou causas desconhecidas. (VILELA, 2015:32)

⁵Facão utilizado no corte da cana

Aos trabalhadores que conseguem cortar 20 toneladas de cana/dia e médias mensais entre 12 e 17 toneladas/dia atribuem a eles o termo “Podão de ouro”. Por um lado esse termo representa para o trabalhador um valor social e um ganho financeiro. Porém, por outro, representa a motivação para o desgaste físico desmedido movido pelo modo de pagamento por produção. “O ritmo de trabalho é acelerado por medidas gerenciais e organizacionais, com destaque para o pagamento por produção, responsável pelo aumento do desgaste físico dos trabalhadores, ultrapassando seus limites fisiológicos (VILELA, 2015:30).”

Sequência três – Nesta sequência há uma construção do conceito do que é uma atividade de alto rendimento e como ela pode afetar a saúde, para isso é apresentado uma comparação entre atletas maratonistas e cortadores de cana. Neste trecho o documentário entrevista uma maratonista que é ex-cortadora de cana, um professor, uma sindicalista e um trabalhador lesionado por causa do trabalho.

Sobrepondo imagens e narrativa, o filme continua com o trabalhador contando seu relato pessoal de dor e de cirurgias realizadas nos braços e na coluna. A imagem sobreposta, em plano detalhe, à voz do trabalhador mostra as cicatrizes que ficaram desse processo. Repetido por vozes diferentes – maratonista, professor, sindicalista, cortadores – o relato sobre a jornada, com exigências posturais e do número de movimentos repetitivos, toma forma de denúncia.

Sequência quatro – Há uma passagem construída com música e imagens de caminhões e estradas que trazem a ideia de ruptura com a sequência anterior do ponto de vista da imagem por apresentar planos gerais de ambientes comunicando uma “mudança” de ambiente. Na realidade a mudança de ambiente não ocorre, o ambiente permanece sendo o canavial, porém, nesse momento muda o interlocutor da narrativa. Passa-se a acompanhar imagens e entrevistas de representantes da Vigilância sanitária, Ministério Público do Trabalho, Fórum e Cidadania e professores da UFSCar.

É bastante representativo ter essas entrevistas, pois, são estes atores sociais que agem em busca de melhorias nas relações trabalhistas e condições de trabalho, conformam o campo Saúde do Trabalhador, que reúne, para fins de leis, um conjunto de atividades que se destina, através das ações de vigilância epidemiológica e vigilância sanitária, a promoção e proteção da saúde dos trabalhadores (KELLY-SANTOS, 2009:41).

O documentário não se atém a dizer a periodicidade em que a fiscalização é realizada, mas apresenta diversos atores que estão envolvidos direta e indiretamente com as consequências do trabalho nas vidas dos trabalhadores. O uso de música no início da sequência e durante o clipe com imagens da visita dos agentes da Vigilância Sanitária evidencia várias elipses nas imagens editadas para apresentar todos os pontos vistos na fiscalização (transporte, reservatório de água, EPI, local protegido por sombra para as refeições). Este eixo temático talvez seja o mais didático sobre as instâncias envolvidas na resolução de problemas de natureza trabalhistas, no entanto, as imagens que ilustram as entrevistas não carregam tom de denúncia.

Sequência cinco – Apesar de apontar várias conquistas ou melhorias nas condições de trabalho, observa-se nas entrevistas dos professores e pesquisadores, que essas melhorias não atuaram na causa que mobiliza o trabalhador a ultrapassar os limites do próprio corpo, que é o modo de pagamento por produção. Para comprovar tal argumentação dos pesquisadores, durante o documentário apresenta-se a metodologia de pesquisa usada para mensurar a os dados durante o corte da cana.

Coube aos professores/pesquisadores explicarem o uso de aparelhos e como foram coletados esses dados. A apresentação desse procedimento atribui números, dados científicos, à relação trabalho intenso-doença. A sequência seis vem em consonância com a anterior reforçando com depoimentos que corroboram os dados.

Usando o plano conjunto o diretor destaca o pesquisador explicando ao trabalhador que vai colocar um aparelho que irá medir seus batimentos cardíacos enquanto ele trabalha. A sequência segue com detalhes do aparelho enquanto o trabalhador o coloca. No total são seis planos, os primeiros são detalhes do aparelho e depois seguem três planos conjuntos mostrando o pesquisador e cortador de cana em ação. Enquanto as imagens são encadeadas ouve-se a voz de um segundo pesquisador em *off*⁶ explicando que a partir dessa metodologia eles conseguiram mensurar e relacionar os danos causados pela repetição de movimento.

A observação sistemática da atividade foi realizada com especial atenção para monitorar os movimentos corporais, a frequência e a duração dos ciclos de corte, a

⁶Quando ouvimos a voz de um personagem mas não vemos

frequência e a duração das pausas de descanso, o monitoramento da frequência cardíaca, o monitoramento da sobrecarga térmica e a produção diária dos sujeitos.

Para representar o número o dado de 3.500 golpes de facão dados durante uma jornada de trabalho, dado aferido durante a pesquisa, são usados plano médio, plano conjunto do trabalhador na ação do corte da cana. A imagem se repete em ângulos diferentes demonstrando não só a observação como a natureza dura do trabalho. O áudio do corte da cana corrobora para o simulacro do real.

Sequência sete – mesmo sem haver de forma demarcada uma ruptura na narrativa com imagens, nesse ponto começam a listar outros fatores que agravam a saúde do trabalhador como a fuligem deixada pelas queimadas controladas, realizadas para tirar a palha da cana.

Sequência oito – Por um lado esta sequência apresenta a continuação dos fatores agravantes à saúde do trabalhador e por outro ela apresenta dispositivos de adaptação do homem para o trabalho como por exemplo a ginástica laboral, hidratação constante e em demasia e o equipamento de proteção individual de baixa qualidade, dado pelas usinas para atender a Norma Regulamentadora 31⁷.

Esta sequência é encerrada com um trabalhador cantando uma música sertaneja. A leitura pode ser feita de dois modos, primeiro, é um trabalhador que ainda não teve sua saúde afetada pelo modo trabalho, ou seja, há saúde também entre esses trabalhadores e uma certa satisfação. E uma segunda possibilidade é a representação dos trabalhadores que estão à margem da discussão por direito à saúde e seguem a vida trabalhando o quanto podem e não se envolvem no processo decisório sobre as condições de trabalho em que tua.

Sequência nove – O documentário fecha problematizando a principal causa da intensificação do trabalho que é o modo de pagamento por produção. Sem atuar nesse fator fica claro que as cobranças por meio do setor canavieiro, e pelo próprios trabalhadores com o objetivo de ganhos maiores, irão continuar e as consequências também.

⁷ Norma Regulamentadora que estabelece os preceitos a serem observados na organização e no ambiente de trabalho, de forma a tornar compatível o planejamento e o desenvolvimento das atividades da agricultura, pecuária, silvicultura, exploração florestal e aquicultura com a segurança e saúde e meio ambiente do trabalho.

Na visão de todos os entrevistados, o trabalho no corte da cana é desgastante e realizado sob pressão, eles relacionam as condições de saúde dos trabalhadores aos instrumentos de trabalho fornecidos pelas usinas, ao ambiente insalubre, a exposição à altas temperaturas, e, sobretudo ao modo de pagamento por produção.

Embora o documentário discorra sobre a saúde do trabalhador rural no agronegócio dos biocombustíveis não apresenta entrevistas que tragam essa dimensão através das imagens.

À luz do conceito de mercado simbólico, segundo Araújo (2004:171), olhar para os entrevistados na produção, circulação e consumo dos sentidos sociais que são mediadas por um processo de negociação, que é operada por pessoas e comunidades discursivas, como interlocutores”. Os interlocutores são, simultaneamente, agentes e espaços de negociação dos sentidos. Sendo assim, os trabalhadores carregam consigo um conhecimento popular que irá concorrer com o conhecimento científico sobre a saúde do trabalhador. “Os conceitos de saúde e doença no decorrer da história estiveram marcados pela extrema ligação entre doença e situações de vida material e simbólica (CZERESNIA, 2013: 103)”.

5.1 A representação da lesão

O roteiro intercala vários depoimentos que vão se complementando, enquanto acompanhamos entrevistas em plano médio ou plano fechado, o cenário vai sendo mostrado em plano conjunto e/ou geral dos ambientes, identificando ou reforçando o lugar de fala.

Na construção da narrativa há dois momentos em que o trabalhador, que está enquadrado pela câmera, relata de forma direta suas dores e fala do processo de adoecimento, os dois depoimentos são antecidos por trechos da sindicalista Carlita (Sindicalista1) que declara ver trabalhadores “fazendo cirurgias no braço, cirurgia na coluna, o trabalhador sai totalmente arrebentado”. No trecho que antecede a entrada da trabalhadora Antônia a sindicalista ela afirma que a mulher que “bate podão mesmo,

depois que para, ela não é digna de varrer a própria casa”. Tentando mensurar o estrago causado na vida cotidiana da mulher que executa o trabalho de corte de cana. As duas falas dos trabalhadores têm a mesma estrutura na montagem, os trabalhadores aparecem no ambiente residencial, enquadrados em plano médio, depois seguem detalhes das lesões enquanto eles falam do procedimento cirúrgico que fizeram.

As imagens usadas para representar a fala sobre as lesões, mais especificamente as cicatrizes deixadas pelas cirurgias, seguem a mesma ordem: plano médio do trabalhador e plano fechado da lesão.



Imagem 2 – trabalhador mostra cicatrizes



Imagem 3 – trabalhador mostra cicatrizes

5.2 Caracterização dos especialistas

Os pesquisadores, agentes da Vigilância Sanitária, médico, procurador e professores estão sempre enquadrados de modo fixo, ou seja, a câmera não passeia por eles, nem mostra detalhes deles, com exceção no minuto 10:12s quando o pesquisador interage com o trabalhador para coletar dados para a pesquisa. Neste caso, o trabalhador não fala, apenas pesquisador. Os especialistas também são identificados, a primeira vez que aparecem no vídeo, por texto indicando nome, função e instituição a que estão vinculados.

A presença de diversos especialistas no documentário está relacionado com os atores sociais reais que atuam no Campo Saúde do Trabalhador e a complexidade do SUS, que não se restringe apenas a serviço de saúde. Essas escolhas não foram aleatórias, refletem relações institucionais externas ao filme, elas representam os discursos que atuam para na fiscalização e transformação das normas reguladoras da segurança no trabalho.



Imagem 4 – Agentes da Vigilância Sanitária



Imagem 5 – Procurador do Ministério do Trabalho



Imagem 6 – Fachada do Ministério Público do Trabalho



Imagem 7 – Pesquisador e trabalhador do corte da cana.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise filmica não se restringe apenas a interpretação, mas a partir dela será possível estudar os elementos e os discursos apresentados na obra.

O documentário *Linha de corte* usou um recurso na montagem/edição que foi deixar ruídos ambientes das imagens para estimular a experiência auditiva tanto quanto a visual.

Pode-se dizer também que o ponto de vista dos trabalhadores sobre os agravos a que sua saúde está submetida aparece em menor proporção na voz dos próprios trabalhadores. O Sr. Pedro e a Sra. Antônia são trabalhadores que já estão afastados das atividades, não há a entrevista com nenhum trabalhador na ativa. Os trabalhadores na ativa têm a fala mediada pelos sindicalistas Carlita (sindicalista) e Paulo Cesar (sindicalista 2), embora esse dois entrevistados já tenham atuado no corte da cana também não exercem essa função há muito tempo.

Depois da análise do documentário *Linha de corte* houve, de minha parte, uma confirmação da ideia inicial sobre a importância do audiovisual para a dar visibilidade à questões importantes sobre saúde no trabalho rural, todavia, nesse filme especificamente, o trabalhador aparece para apoiar a fala dos pesquisadores que investigam àquela realidade a fim de comprovar os males causados pelas exigências e condições do trabalho. E ainda ficou mais evidente que o documentário tem como principal objetivo falar do processo da pesquisa percorrido para alcançar os dados que comprovam os agravos.

Embora o trabalhador ativo não tenha muitos momentos de fala durante o documentário ele está presente a todo momento através das imagens, acompanhamos ele chegando à plantação, alongando antes de iniciar o trabalho, cortando cana, almoçando, bebendo água, sinalizando sua produção diária, cantando e indo embora. Então, do ponto de vista da imagem temos diversos ângulos do cotidiano desses trabalhadores que não foram verbalizados na fala, mas ilustrados e narrados com imagens e sons ambientes.

O olhar sistematizado sobre o filme despertou a curiosidade para a dimensão sociocultural que o filme não abrange sobre os cortadores, como o fator da migração influencia nas fragilidades dos vínculos trabalhistas no setor canavieiro. E se esses fatores tiveram mudanças significativas nas últimas décadas o documentário não apresenta.

A estratégia sonora usada para as imagens com sons ambientes de corte de cana atuaram não apenas para reforçar o ambiente que vemos na imagem como também transições sonoras marcaram as mudanças de sequência. Iniciando ou fechando a sequência com sons ambientes e/ou música.

Da caracterização dos especialistas enquanto imagem, eles aparecem em ambientes abertos neutros ou ambientes fechados como escritórios. Só há imagens de um pesquisador fazendo coleta de dados em campo. Assim como o facão e todo aparato de EPI que caracterizam os cortadores de cana, os pesquisadores em campo têm suas próprias ferramentas, o que vem demonstrar também a dimensão de trabalho que tem a pesquisa.

Então, os elementos integram e caracterizam o documentário a partir da realidade do trabalho rural no *Linha de corte* são: do ponto de vista do conteúdo, a pesquisa como fonte de conhecimento; do ponto de vista da imagem, o que sobressai são os trabalhadores do corte em ação. Como foi dito o cortador não tem muitas falas, porém, a imagem dos cortadores aparecem constantemente cortando, andando no canavial, se preparando para jornada de trabalho, comendo. É preciso ressaltar que a representação do trabalhador do corte da cana e do pesquisador fica circunscrito ao seu fazer. No caso dos cortadores pelas ferramentas e pela prática registrada, no caso dos pesquisadores pelo conteúdo da fala. Os sindicalistas por sua vez, ocupam um lugar na narrativa de mediação entre conhecimento formal (científico) e o informal. Eles tanto interagem nas falas com os pesquisadores quanto com os trabalhadores.

Pela perspectiva da montagem pode-se afirmar que o roteiro do documentário foi estabelecido na ilha de edição, esta afirmação não se baseia na experiência pessoal, mas no uso das elipses temporais através passagem abrupta (corte seco) na maioria das transições entre imagens acelerando a narrativa, ou melhor, avançando com a narrativa na duração dos 27 minutos no total.

O fato de ter participado da realização do documentário analisado, por vezes durante a escrita da monografia, alguns aspectos das escolhas feitas se realçaram como faltas, que poderiam ter sido minimizadas durante a edição.

Embora entenda que não cabe ao documentário conter todas as informações sobre determinada realidade, acredito que podemos aprofundar mais nas apresentações dos personagens com o objetivo de sensibilizar o olhar de quem ver, e, assim, estabelecermos

diálogos que possam resultar em transformações reais através de políticas públicas que assegurem os direitos à cidadania através do acesso a um trabalho digno que preserve a saúde física e mental do trabalhador.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUMONT, J. "MARIE, M. *Dicionário teórico e crítico de cinema*. Tradução Eloisa Araújo Ribeiro – Campinas, SP: Papirus, 2003.
- ARAÚJO, I. *Contextos, mediações e produção de sentidos: uma abordagem conceitual e metodológica em comunicação e saúde*. Reciis, 2009.
- ARAÚJO, I.S. & CARDOSO, J. M. *Comunicação e Saúde*. Rio de Janeiro: editora Fiocruz, 2007.
- BARATA, R.B. *Desigualdades Sociais e saúde*. In Tratado de Saúde Coletiva. 2º ed. Editora Hucitec e Ed. Ficoruz, 2006:460.
- BIRMAN, Joel. *A physis da saúde coletiva*. Rev. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 15 (Suplemento):11-16, 2005.
- BURKE, P.& BRIGGS, A. *Uma História Social da Mídia – de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- CARNEIRO. G. A. *A prática da vigilância em saúde do trabalhador na agricultura familiar em cena: o uso da videogravação*". Dissertação apresentada com vistas à obtenção do título de Mestre Modalidade Profissional em Saúde Pública. ENSP/Fiocruz, 2014.
- <Disponível em: bvssp.icict.fiocruz.br/lildbi/docsonline/get.php?id=3982 Acesso 20 de novembro>
- CARVALHO, H. T.; SANTOS, T. C. P. *Uma oficina para o audiovisual em saúde: relato de uma experiência*. Reciis, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p.92-98, 30 jun. 2011. Fundação Oswaldo Cruz. <http://dx.doi.org/10.3395/reciis.v5i2.493pt>. Disponível em: <<http://www.recis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/560/1202>>. Acesso em: 10 nov. 2016.
- CZERESNIA, D. Et al. *Os sentidos da Saúde e da doença*. Rio de Janeiro; Editora Fiocruz, 2013.
- MEDEIROS, P.; GOMES I. M. A. M. *Gênero e Dialogismo: um olhar sobre o documentário ambiental a partir de Mikhail Bakhtin E Bill Nichols*. Doc On-line, n. 16, setembro 2014, <www.doc.ubi.pt>, pp. 158 - 178
- CASTRO, D. N. *A doença em cartaz: uma análise fílmica de documentários utilizados pelo movimento de reintegração de pessoas atingidas pela hanseníase*. UNB, 2009.
- FIORION, J.L. *Introdução ao Pensamento de Bakhtin*. Editora Ática. 2011.
- NICHOLS, B. In *Uma introdução ao documentário*. 6o. Ed. Campinas, 2016.
- PAIM, J.S. *O que é o SUS*. Rio de Janeiro. Editora Fiocruz, 2009.
- PENAFRIA, M. *Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s)*. VI Congresso SOPCOM, Abril de 2009. Disponível em : < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>>
- KELLY-SANTOS, A. *Comunicação e Saúde do trabalhador*. Curitiba: Juruá, 2009.

VILELA, R. A. G., et al. *Pressão por produção e produção de riscos: a “maratona” perigosa do corte manual da cana-de-açúcar*. Rev. bras. saúde ocup. vol.40 no.131 São Paulo Jan./June 2015 Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S030376572015000100030&script=sci_arttext#aff01

VANOYE, Francis; GOLLIOT-LÉTÉ, A. *Ensaio sobre a Análise Fílmica*, 7a. Ed. Campinas, Papirus; 2012.

Sítios consultados:

<http://www.scielo.org/php/index.php>

<http://reporterbrasil.org.br/quem-somos/>

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5889.htm

<http://www.dieese.org.br/estudosepesquisas/2014/estpesq74trabalhoRural>

Material audiovisual

Gênero: Documentário

Título: Linha de corte

Direção: Beto Novaes

Duração: 27 minutos

Ano de produção: 2013

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JFLM8oZNII4>